

## OS PRIMÓRDIOS DA SOCIOLOGIA E O PAPEL DA RELIGIÃO

Agemir de Carvalho DIAS

As transformações sócio-econômicas que ocorreram na Europa a partir do século XVI e que levou a formação do capitalismo e da modernidade também transformaram a forma do homem ver a religiosidade. A sociologia nos seus primórdios fez uma crítica da religião do seu tempo. Essa crítica foi acompanhada da idéia da formação de uma religião da razão e em alguns casos de uma religião civil dirigida pelo Estado.

O filósofo francês Jean-Jacques Rousseau defendeu a idéia de uma religião civil. O Estado deveria estabelecer essa religião que promoveria os ideais e a coesão da nação. Deve-se entender que a Religião Civil é uma necessidade para se criar a unidade fundamental de uma sociedade.

Entre os críticos da religião estão os reformadores sociais que são caracterizados como socialistas utópicos, chamados assim por fazerem a proposta de uma sociedade ideal. Dentre eles temos o Conde de Saint-Simon, Charles Fourier e Pierre-Joseph Proudhon que propõem a instituição de uma nova sociedade.

A proposta de uma nova religião baseada na razão foi feita por Augusto Comte, fundador do positivismo. Ele criou a Religião da Humanidade, uma religiosidade secular baseada nos preceitos de amor, ordem e progresso. Ele defendia uma hierarquia de valores baseada na ciência e na razão.

### *As propostas de uma religião civil.*

A formação de uma sociedade ideal foi o propósito dos pensadores sociais. Pensadores como o genebrino Jean-Jacques Rousseau (1712-1778) imaginaram essa sociedade como fruto de três valores que estão na base dos direitos humanos: a igualdade, a liberdade e a fraternidade. Esses valores foram imortalizados como sendo os ideais da Revolução Francesa. No século XIX esses ideais foram popularizados adquirindo um caráter universal.

No pensamento político/social de Rousseau o conceito de *vontade geral* é central. A vontade geral se estabelece através de um consenso das vontades individuais, esse consenso se torna algo efetivo na realização de um pacto que ele chama de *Contrato Social*. Na perspectiva de Rousseau a vontade geral tende ao bem comum, pois ela não

serve a vontades particulares.

A discórdia é causada pelas vontades individuais e isso é um mal na formação de uma sociedade. A vontade geral quando objetivada se manifesta através das leis, que é a vontade soberana do povo. Rousseau estabeleceu um papel central na idéia da formação de um *Estado Ideal* a figura do Legislador que é o responsável por transformar a vontade geral em leis.

A liberdade do homem no estado civil é limitada pela vontade geral. Nesse sentido, os elementos que fazem parte da liberdade do indivíduo, como por exemplo, a escolha da religião, é limitada aos interesses de Estado. Uma religião que de alguma forma questione a vontade geral deve ser considerada perigosa para a pátria.

Rousseau foi o primeiro pensador a fazer uma proposta sistemática de uma religião civil. A proposta de Religião Civil parte da idéia de que não é possível haver duas esferas de poder em um mesmo Estado representado pelo poder civil e pelo poder eclesiástico. Por isso a necessidade de que o Estado estabeleça uma religiosidade que seja a de todo cidadão.

A forma utilizada pela Inglaterra e pela Rússia em que a chefia da Igreja e do Estado estavam unificadas em uma única pessoa foi considerada por Rousseau como uma solução insatisfatória, pois o Monarca tem o poder de presidir a religião, mas não o de modificá-la, ficando sujeito ao clero que forma um corpo de legisladores. Continuava havendo dois soberanos.

Partindo da idéia do filósofo Thomas Hobbes (1588-1679) de que a soberania no Estado não poderia ficar dividida, Rousseau defendeu que o Estado deveria estabelecer uma religião do cidadão. No pensamento de Rousseau a religião é um elemento constituinte do Estado. Para ele o cristianismo católico era considerado uma religião prejudicial para o Estado, pois o universalismo dessa religião e a divisão entre duas pátrias, a terrestre e a celeste, eram incompatíveis com a idéia de unidade do Estado.

É necessário, segundo o pensamento de Rousseau fazer a distinção entre uma religião do homem e uma religião do cidadão. A primeira é uma espécie de religiosidade universal, constituída de um culto a um ser superior e que tem alguns deveres morais, e que segundo ele está de acordo com o próprio evangelho. Já a religião do cidadão está inscrita em um único país. Essa religiosidade seria um elemento identificador da nação. Nesse caso a religião do cidadão não se coloca como sendo universal, pelo contrário ela é restrita a uma nação e todos os demais são *infiéis estrangeiros e bárbaros* (ROUSSEAU, 1978:141).

O critério de análise para se distinguir uma boa religião é a unidade social que ela

propicia. Por isso uma religião que defende a formação de duas legislações, duas chefias ou duas pátrias era considerada como uma religião “perversa” para o Estado. Essa é uma terceira categoria de religiosidade que Rousseau identifica como sendo a religião *do lamas, dos japoneses e a do cristianismo romano*. (ROUSSEAU, 1978:141).

A *Religião Civil* se caracteriza por ser diferente da religião do cidadão uma vez que não se trata de uma religião nacional exclusiva. A Religião Civil é mais geral e pode ser aceitável em qualquer nação buscando garantir a formação de bons cidadãos. Pois essa religiosidade não é baseada em dogmas de fé e sim em sentimentos de sociabilidade ou máximas morais.

A constituição de uma religião “boa” deve obedecer alguns princípios. A pátria deve ser o objeto de adoração dos cidadãos. Deve ensinar a obedecer e servir ao Estado. O martírio pela pátria torna-se um ideal e violar as leis uma impiedade. Os dogmas da religião não são importantes desde que leve o cidadão a amar seus deveres.

Há, pois, uma profissão de fé puramente civil, cujos artigos o soberano tem de fixar, não precisamente como dogmas de religião, mas como sentimentos de sociabilidade sem os quais é impossível ser bom cidadão ou súdito fiel. Sem poder obrigar ninguém a crer neles, pode banir do Estado todos os que neles não acreditarem, pode bani-los não como ímpios, mas como insociáveis, como incapazes de amar sinceramente as leis, a justiça, e de imolar, sempre que necessário, sua vida a seu dever.(ROUSSEAU, 1978:144)

As características da religião civil podem ser assim resumidas:

- Os dogmas devem ser simples, em pequeno número e enunciados com precisão;
- Os dogmas positivos se referem a existência da divindade como benfazeja e provisora, a vida futura, a felicidade dos justos, a santidade do contrato social, etc.
- A intolerância é o dogma negativo.

Mesmo com a idéia de separação entre igreja e Estado, que foi implementada na Constituição Americana, não deixou de haver uma série de idéias que se tornaram uma espécie de dogma civil. Ela se manifesta como uma religião do senso comum e não necessita de uma expressão religiosa propriamente dita. Em certo sentido acaba produzindo o consenso mínimo proposto por Rousseau. É um dogma baseado em um conjunto de elementos religiosos que estão presente na prática política e na vida comum das pessoas.

Assim é que alguns valores cultivados pela pátria podem se tornar os elementos fundantes de uma religião civil compartilhada por todos os que vivem em uma

determinada nação, contudo, sem pertencer a nenhuma religião específica. Paul Johnson analisa que foi isso que ocorreu nos Estados Unidos da América que formou uma espécie de religião civil.

Algo, contudo, tinha de fornecer o mecanismo cultural por meio de que os milhões de imigrantes eram convertidos em americanos; e, acrescentou Spears, as escolas precisavam possuir alguma fundação espiritual. Assim como o Estado não era cristão, mas republicano, então o republicanismo deveria constituí-la. A solução era elegante, visto que, com efeito, a doutrina republicana era baseada na ética protestante e em seu consenso moral, o que as escolas já ensinavam – os dois conceitos eram ou ficaram interligados. Dessa forma, o modo de vida americano começou a servir de credo funcional das escolas públicas, sendo gradualmente aceito como a filosofia social da educação estatal do país, posição que ocupa até hoje. (JOHNSON, 2001:526)

Assim a idéia de *Religião Civil* passa a ser de uma ideologia religiosa que permeia o Estado. Partindo dessa idéia Thales de Azevedo defendeu que o Brasil experimentou diversas religiosidades do Estado: o catolicismo, o positivismo e certo humanismo pragmático. (AZEVEDO, 1981).

#### *Uma nova religião para uma nova sociedade - os socialistas utópicos.*

Com a Revolução Francesa ocorreu uma descristianização de grandes parcelas da população, principalmente entre os intelectuais. Esses intelectuais procuraram criar uma nova idéia religiosa: “o culto do ser supremo” como uma religião civil, inspirado em Rousseau. Isso levou a formação de uma nova classe religiosa secular “os professores”, que ensinavam a moralidade da República, e cujo objetivo era à formação do cidadão.

Entre os pensadores que estão entre os precursores da sociologia está o filósofo francês Claude-Henry de Rouvroy ou conde de Saint-Simon (1760-1825). Ele nasceu em Paris, filho de uma família aristocrática, foi oficial do exército francês até a Revolução Francesa. Depois se dedicou a especulação financeira. A partir de 1813 tornou-se editor. Em 1819 passou a ter como principal colaborador Augusto Comte. Publicou as seguintes obras: *Introdução aos trabalhos científicos do século XIX; Esboço de uma nova Enciclopédia; Trabalho sobre a gravitação ocidental; Do sistema industrial; Catecismo dos industriais; O novo cristianismo.*

A preocupação de Saint-Simon era compreender o desenvolvimento científico e industrial de sua época. O seu pensamento tinha um caráter de reforma da sociedade.

Era necessário analisar a história e a sociedade para poder transformá-la. O pressuposto era de que havia leis históricas que deviam ser entendidas para assim reconhecer os processos de mudança e de transformação.

Saint-Simon pensava que a história era um processo cíclico entre períodos orgânicos e críticos. Existem as épocas orgânicas onde reina a construção e organização social, mas as instituições construídas tendem a solidificar-se impedindo o progresso, por isso era necessário opor-se a esta solidificação para que o progresso aconteça.

Aos períodos orgânicos sucedem-se os períodos críticos, cujo papel é desconstruir, desarticular o período precedente, de modo a revitalizá-lo. Para Saint-Simon o período da Revolução Francesa foi um período de crise do Antigo Regime, ao derrubá-lo, a Revolução trouxe a possibilidade do surgimento de uma nova era orgânica.

Nesse período crítico Saint-Simon vislumbrava a oportunidade de se fazer uma reforma social onde predominasse no plano do saber o conhecimento científico-experimental aliado ao desenvolvimento industrial no plano econômico. Para que houvesse o predomínio das classes produtoras era necessário se opor à classe parasitária que no seu modo de pensar se constituía de todos aqueles que viviam de rendas, ou que participavam do aparato estatal como: juristas, militares, e burocratas.

No final de sua vida Saint-Simon pretendeu formar uma nova religião tendo o cristianismo como referência. No seu livro *O Novo Cristianismo*, Saint Simon, defendeu a libertação da humanidade da tutela intelectual do clero, isso ocorreria com a emancipação dos *produtores* através da aquisição do conhecimento científico e prático. Para ele se deveria preservar a caridade e a fraternidade como fundamentos dessa nova religião. A religião deveria ser um veículo de justiça social baseada na filantropia.

A nova organização cristã levará as instituições temporais como também as instituições espirituais do mesmo princípio em que todos os homens devem se ver uns aos outros como irmãos. Ela conduzirá todas as instituições, sejam elas de qualquer natureza, para o crescimento do bem estar da classe mais pobre. (SAINT SIMON, 1832:16)

Os discípulos de Saint Simon acabaram fundando uma *Igreja Saint Simoniana* que buscou adeptos junto ao operariado e procuraram difundir os ideais de seu mestre através de *Universidades Populares*. Contudo, Saint Simon não foi o único reformador social que surgiu nessa época, as idéias de uma comunidade ideal baseada em princípios científicos foram pensadas por outros. Destacaram-se ainda nessa primeira metade do século XIX os falangistas defensores do pensamento de Charles Fourier.

François Marie Charles Fourier (1772-1837) nasceu em Besançon filho de um comerciante. Trabalhou como caixeiro viajante e por fim se estabeleceu em Lyon. Influenciado pelo pensamento de Rousseau sobre a bondade natural do homem e inconformado com a desigualdade causada pelo capitalismo, desenvolveu uma filosofia social que repousava sobre o *princípio da atração apaixonada*. Os mesmos princípios encontrados por Newton no meio físico deveriam ser encontrados no meio social. Há uma unidade entre o sistema de movimento que anima o mundo físico e o espiritual.

Com relação à história Fourier entendia que a humanidade deveria passar por diferentes etapas, são elas: edenismo, selvageria, patriarcado, barbarismo, civilização, garantismo, sociantismo e harmonia. A visão social de Fourier foi marcada por várias idéias religiosas e a própria idéia de Deus é um apriori para sua construção social. Deus é um princípio ativo e motor, a matéria é o princípio passivo. Para se conseguir uma ordem geral que leve o homem a felicidade depende de se descobrir uma lei análoga no mundo físico.

A lei encontrada por Fourier é o sistema societário. Pequenos grupos devem se unir espontaneamente unidos pelo desejo de realizar um trabalho, uma paixão comum. Os pequenos grupos se unem com outros grupos também por afinidade até formar uma *série*. A relação das séries entre si, em pequena escala, é o que Fourier chama de *Falange*. A reunião de várias falanges dá a formação ao *falanstério*, imaginado por Fourier como uma comunidade de até 1620 pessoas (MELO, 2007:29).

Fourier imaginava o sistema social como uma hierarquia de paixões a que está submetida o homem. Temos assim o *luxismo* que abrange as cinco paixões referentes aos prazeres do sentido, depois o *grupismo* que reúne quatro paixões relativas a reunião e consolidação da relação entre as pessoas e o *seriismo* que reúne três paixões que asseguram o funcionamento dos grupos. Uma décima terceira paixão é o *uniteísmo* que é definida como a paixão pela unidade. A construção de uma sociedade edificada sobre o princípio da paixão representava para ele uma evolução em direção a uma nova fase da humanidade.

Quando reconheci que as séries progressivas asseguram um pleno desenvolvimento às paixões dos dois sexos, de diversas idades e de diversas classes que nesta nova ordem adquirirá tanto mais vigor e êxito que nós teremos quanto mais paixões houver, eu concluí que se Deus deu tanta influência à *Atração apaixonada* e tão pouca a razão sua inimiga, isto era para nos levar esta Ordem das Séries progressivas que satisfaz todos os sentidos a *Atração*. Eu pensei que a *Atração* tão depreciada pelos filósofos era intérprete das visões de Deus sobre a ordem social que me conduziu ao *Cálculo Analítico e Sintético das Atrações e Repulsões Apaixonadas*. (FOURIER, 1841:17)

A partir de 1831 o pensamento de Fourier começa a ser divulgado através dos seus discípulos. No ano seguinte, 1832, fundou-se o jornal *Phalanstère*, chamado posteriormente de *Réforme Industrielle*. Outros jornais de orientação fourierista foram fundados, influenciando o movimento de trabalhadores e inspirando iniciativas de criação de falanstérios na Europa e nas Américas. No Brasil ocorreu a experiência do estabelecimento de um falanstério em Santa Catarina no século XIX, com imigrantes franceses, e que ficou conhecido como *Falanstério do Saí*. (GALLO,2002).

A tentativa de construir uma sociedade igualitária encontrou em Proudhon um dos seus mais ardorosos e radicais defensores, para ele o fato da propriedade existir já se constituía em um roubo. Pierre Joseph Proudhon (1809-1865) era filho de uma família de trabalhadores, seu pai era tanoeiro e sua mãe cozinheira. Muito cedo começou a trabalhar e posteriormente estudou no colégio de Besançon, França. Trabalhou entre outros empregos como tipógrafo, redator, editor, jornalista e escritor. Em 1848 foi eleito para a Assembléia Nacional.

Como deputado propôs a fundação do Banco do Povo que tinha por objetivos a abolição dos juros e a promoção livre de valores entre os clientes. A idéia não durou muito tempo e após dois meses de funcionamento o banco foi fechado. Nessa mesma época foi preso por dois anos por criticar Luiz Napoleão. Depois de liberto passou um período de exílio na Bélgica e em 1862 retornou para a França onde morreu em 1865.

A sua obra mais famosa é a *Filosofia da Miséria* que é uma explicação sistemática dos fundamentos da economia e a formação da miséria na sociedade capitalista. Esse livro recebeu uma resposta de Karl Marx intitulado *Miséria da Filosofia* na qual faz uma série de críticas ao pensamento de Proudhon.

Proudhon propôs uma “ciência social” em que a sociedade deve ser estudada sem levar em conta as idéias unitárias ou que conduzam ao absoluto. Não somente o estudo da sociedade precisa se libertar das amarras teóricas que o conduzem a certo determinismo no pensamento, como também, o homem deve lutar contra as formas arbitrárias de domínio como o misticismo, o capitalismo e o estadismo. Pois para ele a realidade é um mundo de infinita diversidade e em movimento.

Na sua análise as idéias são simultaneamente produtos e produtoras da realidade social. O seu pensamento tende para o pragmatismo, rejeitando o idealismo de Hegel. Para Proudhon é através do trabalho que se constitui a sociedade. O trabalho quando exercido com liberdade transforma o homem em um ser criador, mas quando exercido em subjugação e alienação degenera em sofrimento.

Quando o homem se encontra no estado de opressão, como na sociedade capitalista, torna-se necessário a revolução social para estabelecer a auto-gestão democrática. Deve-se ressaltar que Proudhon considera a propriedade um roubo, mas ele considera a estatização da propriedade como servidão e opressão. Ele sonha com um sistema em que os operários seriam convertidos em co-proprietários, em uma espécie de coletivismo pluralista e descentralizado.

Em 1858, Proudhon publicou o livro *Da justiça da Revolução e da Igreja*, nessa obra, que acabou se tornando um manifesto anticlerical, ele faz uma crítica a Igreja, inspirando aqueles que defendiam uma sociedade laica. Na *Filosofia da Miséria* ele criticou a Igreja por defender a propriedade. Para ele a defesa da propriedade era o critério ético pelo qual ele se propunha a julgar sociedade e também à religiosidade do seu tempo.

Se a propriedade, porém, espontânea e progressiva, é uma religião, é como a monarquia e o sacerdócio, de direito divino. De modo, semelhante, a desigualdade das condições e das fortunas, a miséria, é de direito divino; o perjúrio e o roubo são de instituição divina, a exploração do homem pelo homem é afirmação – que digo? Manifestação de Deus. (PROUDHON, 2007: 259-260).

Para ele a religião surge da defesa da propriedade e é inimiga da causa da igualdade e da justiça. Sendo assim a verdadeira virtude é lutar contra a religião e contra Deus. Lembramos que essa crítica foi feita tendo como referencial de religião o cristianismo do século XIX. A crítica de Proudhon a religião não foi a única feita pelos precursores da sociologia. As propostas iam de uma reforma da religião até a sua completa extinção. Na geração dos formadores da disciplina houve uma mudança metodológica no sentido da compreensão do fenômeno levando em consideração os estudos de religião comparada.

### *O positivismo de Augusto Comte e a religião da humanidade.*

Augusto Comte (1798-1857) era natural de Montpellier, França. Foi ele que deu à Sociologia o seu nome e estabeleceu a nova disciplina em uma forma sistemática. Era filho de Rosália Boyer e Luiz Augusto Comte, seu pai era empregado da recebedoria do Departamento de Herault. Em 1817 foi trabalhar como secretário do Conde de Saint-Simon, trabalhou durante sete anos rompendo com este em 1824.

Em 1826 Comte ofereceu um curso de filosofia positiva que contou com diversos

membros da academia das ciências e ilustres alunos como Alexander Von Humboldt, o economista Charles Dunoyer, o duque Napoleon de Montebello e vários estudantes da Escola Politécnica. O curso foi interrompido após a 3ª aula por causa de uma enfermidade contraída por Comte. Retomou as suas conferências em 1829 e nos anos de 1830-1842 escreveu a sua obra *Curso de Filosofia Positiva*. Por muito tempo Comte esteve à margem do mundo acadêmico e somente em 1832 é que foi contratado como assistente na Escola Politécnica.

No *Sistema de Política Positiva*, Comte, voltando-se contra a doutrina do mestre Saint-Simon, defendeu a primazia da emoção sobre o intelecto, do sentimento sobre a racionalidade; e proclamou repetidamente o poder feminino para o desenvolvimento da humanidade dominada pela aspereza do intelecto masculino. O positivismo é um sistema de pensamento que se define como segue:

O nome "positivismo", como é evidente, deriva do termo "positivo" e foi definido pelo fundador da doutrina positivista, que compreende inclusive a religião, como sendo tudo o que é *real, útil, certo, preciso, orgânico, relativo e simpático*. "Em todos os ramos dos conhecimentos humanos devemos restringir nossas pesquisas unicamente ao que é positivo, isto é, que apresenta os sete atributos fundamentais da positividade". Real, em oposição a *quimérico*; útil, em oposição a *ocioso*; certo, aquilo que *não é errado* ou *indeciso*; preciso, em oposição ao *vago*; orgânico, aquilo que tem *ligação* ou *não é disperso*; relativo, em oposição a *absoluto*; e simpático, aquilo que é *inspirado pelos sentimentos sociais*. Os primeiros seis atributos são intelectuais e o último corresponde ao grande princípio positivista da subordinação da inteligência ao sentimento altruísta: "*Viver para outrem*". (Centro Positivista do Paraná)

Quando o *Sistema* apareceu entre 1851 e 1854, Comte escandalizou e perdeu a maioria dos seguidores racionalistas que ele havia conquistado nos últimos quinze anos por causa da proposta da Religião da Humanidade. John Stuart Mill e Emile Littré não aceitaram que o amor universal fosse a solução para todas as dificuldades da época. Tão pouco, aceitaram a Religião da Humanidade da qual Comte se proclamou o sumo sacerdote.

Comte passou a assinar suas circulares - aos novos discípulos que conseguiu reunir - como "fundador da religião universal e sumo sacerdote da humanidade". Comparou suas circulares aos discípulos com as epístolas de São Paulo. Fundou a *Sociedade Positivista*, que se transformou no centro principal de seu ensino. Os membros se cotizaram para assegurar a subsistência do mestre e fizeram os votos de espalhar sua mensagem.

As missões se instalaram, na Espanha, Inglaterra, Estados Unidos, e na Holanda. Cada noite, das sete às nove, exceto nas quartas-feiras quando a *Sociedade Positivista* tinha sua reunião regular, Comte recebia seus discípulos em sua casa em Paris: políticos,

intelectuais e operários, que lhe votavam grande respeito e veneração.

Comte, após alguns meses de enfermidade, faleceu no dia cinco de setembro de 1857. Um grupo pequeno de discípulos, de amigos, e de vizinhos seguiu seu esquife ao cemitério de Pere Lachaise. Seu túmulo transformou-se no centro de um pequeno cemitério positivista onde estão sepultados, perto do mestre, seus discípulos mais fiéis.

Comte viveu para ver sua obra comentada extensamente em toda a Europa. Muitos intelectuais ingleses foram influenciados por ele, e traduziram e promulgaram seu trabalho. Os devotos franceses tinham aumentado também, e mantinha uma correspondência volumosa com sociedades positivistas em todo o mundo. Também foi grande a sua influência no Brasil principalmente entre os primeiros republicanos.

A contribuição principal de Comte à filosofia do positivismo foi sua adoção do método científico como base para a organização política da sociedade industrial moderna. Em sua Lei dos três estados ou estágios do desenvolvimento intelectual, Comte teorizou que o desenvolvimento intelectual humano havia passado historicamente primeiro por um estágio teológico, em que o mundo e a humanidade foram explicados nos termos dos deuses e dos espíritos; depois através de um estágio metafísico transitório, em que as explicações estavam nos termos das essências, de causas finais, e de outras abstrações; e finalmente para o estágio positivo moderno. Este último estágio se distinguia por uma consciência das limitações do conhecimento humano.

Comte fez também uma classificação das ciências baseada na hipótese que as ciências tinham se desenvolvido da compreensão de princípios simples e abstratos à compreensão de fenômenos complexos e concretos. Assim as ciências haviam se desenvolvido a partir da matemática, da astronomia, da física, e da química para a biologia e finalmente a sociologia. De acordo com Comte, esta última disciplina não somente fechava a série, mas também reduziria fatos sociais às leis científicas e sintetizaria todo o conhecimento humano. Comte ampliou o conceito de sociologia definindo o seu campo de estudo e sistematizando seu conteúdo.

Dividiu a Sociologia em dois campos principais: Estática social, ou o estudo das forças que mantêm unida a sociedade; e Dinâmica social, ou o estudo das causas das mudanças sociais. Influenciado pelas idéias de Hobbes e Adam Smith, afirmou que os princípios subjacentes da sociedade são o egoísmo individual, que é incentivado pela divisão de trabalho, e a coesão social se mantém por meio de um governo e um estado forte.

Como Saint Simon, queria a administração real do governo e da economia nas mãos dos homens de negócios e dos banqueiros, porém dá um toque pessoal seu, com origem

em sua paixão por Clotilde de Vaux, dizendo que a manutenção da moralidade privada seria competência das mulheres como esposas e mães.

Dando ênfase a hierarquia e obediência, rejeitou a democracia, sustentando que o governo ideal seria constituído por uma elite intelectual. Como Saint-Simon, ele adotou a idéia de que a organização da Igreja Católica Romana, divorciada da teologia cristã, podia fornecer um modelo estrutural e simbólico para a sociedade nova.

Comte considerava o monoteísmo como o passo fundamental dado pelo homem em direção à unidade do entendimento. Como o pensamento a respeito de Deus tinha chegado à evolução completa com a idéia monoteísta o pensador poderia se dedicar a compreensão da realidade relativa. Essa compreensão que inicia com o entendimento de si mesmo devia avançar em direção a compreensão da própria humanidade. O objetivo de Comte era que o homem saísse de uma experiência egoísta para a experiência altruísta entendida como viver para os outros. É na sociabilidade que encontramos o fundamento da moral.

A religião tem uma característica própria e unificadora que é a busca daquilo que é verdadeiro e bom e que leva ao aperfeiçoamento da alma humana. Nesse sentido, para Comte só existe uma única religião, para a qual tendem as sínteses parciais, ou seja, as diversas religiosidades.

Não existe, no fundo, senão uma única religião, ao mesmo tempo universal e definitiva, para a qual tenderam cada vez mais as **sínteses parciais e provisórias**, tanto quanto o comportavam as respectivas situações. A esses diversos esforços empíricos sucede agora o **desenvolvimento sistemático da unidade humana**, cuja constituição direta e completa tornou-se enfim possível graças ao conjunto de nossas preparações espontâneas. (COMTE, 1934:44)

Para Comte a sociologia é uma disciplina da Moral que é a ciência da humanidade. A própria divisão da ciência em Lógica, Física e Moral representam no sistema comtiano a própria *Trindade Positivista: O Grande meio é o espaço; O Grande Fetiche é a terra; e o Grande ser é a humanidade.* (AMORIM, 2007:41).

No dogma positivista da mesma forma que os homens estão submetidos às leis físicas, ele também está submetido às leis morais. A submissão as leis morais deve ser o objetivo de todo aquele que procede de acordo com o positivismo. Comte entendia que a pessoa que vive a partir da Moral positiva servia como exemplo que poderia ser imitado ou repetido e dessa forma servir a Humanidade.

A Religião da Humanidade segue o lema: *O amor por princípio, e a ordem por base; o progresso por fim.* Para alcançar esses fins Comte irá propor um culto positivo com a finalidade de aprimorar a vida moral. O culto positivo inclui a leitura de obras a fim de dirigir os adeptos nas boas leituras, no prefácio do *Catecismo Positivista* há um

catálogo de que reúne cento e cinqüenta volumes.

Comte considerava como parte integrante da religião da humanidade a oração. No caso, a oração deve ser entendida não como uma experiência mística, mas como expressão dos melhores sentimentos do homem, seguindo aqui as idéias sobre a essência da religião de Ludwig Feüerbach no seu livro *A essência do Cristianismo*. A oração é vista como um instrumento de aperfeiçoamento moral que deve levar a ação altruísta.

As cerimônias cultuais da religião da humanidade podem ser divididas em três categorias: pessoal, doméstica e pública. O culto pessoal é constituído de um exame pessoal, uma espécie de diário da consciência. Por sua vez o culto doméstico se estrutura em torno da figura feminina, que segundo Comte leva a humanidade ao seu aperfeiçoamento. O culto público coloca o homem em contato com a Humanidade.

Na Religião da Humanidade nove sacramentos sociais são reconhecidos: apresentação, iniciação, admissão, destinação, casamento, madureza, retiro, transformação e incorporação. O sacerdócio natural é o da mulher no lar e o sacerdócio público é realizado pelo educador social.

Na perspectiva da Religião da Humanidade proposta por Comte o sentimento de dever adquire uma importância fundamental. Para ele o homem moderno está dividido entre a vida prática, intelectual e moral. Para o homem voltar a ser completo e integral a ação moral deve deixar de ser restrita a vida religiosa e cada vez mais se tornar pública. Uma das tarefas da Religião da Humanidade é ministrar o conhecimento científico com a finalidade de conduzir o homem ao aperfeiçoamento moral.

O diferencial da proposta da Religião da Humanidade de Comte em relação às outras religiosidades é o caráter “sagrado” da ciência. Para ele disciplinas científicas como a biologia são detentoras de uma “revelação” do que é o homem e o seu propósito. Também é grande a ênfase no desenvolvimento moral através do processo educativo: o Homem aprende a ser moral. A educação é um processo contínuo de aperfeiçoamento individual que leva ao desenvolvimento social.

A visão religiosa de Comte pode ser considerada como antropoteísta, o seu objetivo de divinizar a Humanidade é exaltar os pendores altruístas do homem. A educação adquire aspecto central na sua proposta religiosa, pois é ela que conduz o aperfeiçoamento moral e intelectual. O estudo dos fenômenos sociais e dos fenômenos naturais conduz o homem a um desenvolvimento espiritual, o conhecimento da ordem humana e da realidade física são os elementos de uma nova religiosidade secularizada: a Religião da Humanidade.

As idéias positivistas tiveram grande influência no entendimento da religião. A análise evolucionista das religiões permeou os estudos sobre o tema no século XIX. As pesquisas de campo feitas por antropólogos e sociólogos trouxeram evidências que contrariavam a idéia positivista de evolução da religião. Não foi somente no campo do estudo da religião que o positivismo marcou grande influência, o próprio status “religioso” da ciência dentro da nossa sociedade pode ser em parte atribuído ao pensamento de Comte.

No Brasil a influência positivista foi fundamental para a separação entre Igreja e Estado na proclamação da República. Também ficou patente o espírito positivista no pavilhão nacional com a inscrição do lema: Ordem e Progresso.

Não existe, no fundo, senão uma única religião, ao mesmo tempo universal e definitiva, para a qual tenderam cada vez mais as **sínteses parciais e provisórias**, tanto quanto o comportavam as respectivas situações. A esses diversos esforços empíricos sucede agora o **desenvolvimento sistemático da unidade humana**, cuja constituição direta e completa tornou-se enfim possível graças ao conjunto de nossas preparações espontâneas. (COMTE,1934:44)

## Conclusão

A proposta de uma sociedade ideal feita pelos pensadores sociais como Rousseau levou em consideração a necessidade de adequar a religião as necessidades do Estado. A unidade do Estado não poderia conviver com duas fontes de poder e de legislação por isso o surgimento da idéia de uma religião civil que promoveria os ideais do Estado. Essa religião civil seria constituída de rituais e doutrinas que promovessem a cidadania e a unidade dentro do Estado.

Os socialistas utópicos também pensaram na constituição de uma sociedade ideal. Alguns imaginaram a reforma da religião a partir das novas necessidades provenientes da sociedade industrial como Saint-Simon e Fourier. Já Proudhon verá na religião uma instituição legitimadora da propriedade que para ele era a fonte de todo mal dentro da sociedade.

O “pai da sociologia” Augusto Comte tomou a mais ousada de todas as iniciativas que foi fundar uma “Religião da Humanidade” para promover os ideais de uma sociedade positiva. A sua influência foi extensa em todos os campos do pensamento e em especial no Brasil onde os positivistas ajudaram na constituição da República Brasileira.